

AS FORMAS DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL E A VERDADE GUAPOREANA NA OBRA “LENDAS DO GUAPORÉ”

Fabíola Ferreira Ocampo¹

RESUMO: O artigo tem por objetivo demonstrar os mecanismos de progressão textual utilizados em “Encontro com cobras grandes”, primeiro relato do quarto capítulo do livro “Lendas do Guaporé”, do escritor rondoniense Matias Mendes, e examinar como esses mecanismos atuam para o estabelecimento de parâmetros de “verdade” no desenrolar dessa pequena história. A análise foi realizada sob a perspectiva da Linguística Textual, mormente de acordo com as propostas de Ingedore V. Koch (2006, 2009), com enfoque nos elementos de superfície, que indicam as formas de progressão textual e a construção da tessitura de comunicação entre autor e leitor. Observa-se, ao final da análise, que o escritor utiliza de atividades formulativas de sequenciação para imprimir em seu relato progressão textual e, portanto, textualidade, e transmitir sua “verdade” cultural. A utilização dos mecanismos de progressão explica como o autor transforma-se em um historiador descompromissado com a verdade ortodoxa e, assim, numa estratégia de desconstrução das lendas amazônicas e, com tal estratégia, desafia a ciência e a cultura do leitor demonstrando que a verdade é como um espelho que reflete várias faces.

Palavras-Chaves: Linguística Textual; Progressão textual; Mitos e Lendas; Etnicidade amazônica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar como o escritor rondoniense Matias Mendes se utiliza dos mecanismos de progressão textual em “Encontro com cobras grandes”, primeiro relato do quarto capítulo do livro “Lendas do Guaporé”, e examinar como, por meio desses mecanismos, esse autor estabelece parâmetros de “verdade” no desenrolar dessa pequena história. A análise do conteúdo textual foi realizada sob a ótica da Linguística textual, mormente no que consta nas obras de Ingedore V. Koch (2006, 2009) e Marcuschi (2008), com enfoque nos elementos de superfície, que indicam as formas de progressão textual e a construção da tessitura de comunicação entre autor e leitor.

“Lendas do Guaporé” é um livro que contém relatos que perpassam a vastidão do Vale do Rio Guaporé. As memórias do autor, nascido e criado na região, fluem no decorrer da obra tão caudalosamente quanto as águas do rio, numa mistura harmoniosa de um historiador descompromissado e de um caboclo guaporeano. Inesperadamente, em meio a um relato que se pretende puramente

histórico, surgem cobras de dimensões titânicas, pessoas que desaparecem misteriosamente, baús recheados de ouro que são lançados nas mais profundas águas do rio, moradas de seres mitológicos, etc. O narrador dos fatos, constrói e desconstrói a realidade quase abusando de sua origem amazônica, como estratégia para demonstrar que cada lenda, que cada “causo” narrado é historicamente verdadeiro. Aliás, essa pode ser tomada como a principal característica do livro: Mendes intenta não deixar dúvidas sobre a veracidade das histórias que ele narra.

De onde vem essa sua certeza? Provavelmente, do caráter existencial das narrativas para o autor. Mas, quais os mecanismos que ele utiliza para conduzir suas verdades ao leitor? Para entender mais acuradamente o universo lendário de Mendes é preciso algum suporte teórico que trate desse viés narrativo e é justamente isso que veremos a partir de agora.

1. Mitos e lendas sobre cobras gigantes da Amazônia

Segundo o Dicionário de Folclore do Brasileiro de Câmara Cascudo (1972, p.511), lenda é um “episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. [...]”. Em outros termos, uma lenda narra acontecimentos sobre-humanos ou maravilhosos conservando quatro características principais, que também são peculiaridades do conto popular: a antiguidade, a persistência, a oralidade e o anonimato. Para Mendes (2007, p. 21), uma lenda é a própria “tradição popular de narrativas orais e escritas que, via de regra, empresta uma aura de fábula aos fatos históricos em proveito do sensacionalismo dos relatos [...]”.

É importante, já de início, fazer distinção entre mito e lenda. Segundo Cascudo (1972, p.511), a lenda se distancia do mito “pela função e confronto”. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço enquanto a lenda, como já dito acima, conta um episódio maravilhoso ou sobre-humano e tem dimensão geográfica mais restrita. Por meio da pesquisa sobre lendas e mitos no ambiente cultural amazônico, observa-se que o ente fantástico *cobra-grande* é mais que uma lenda, é na realidade um mito, por se constituir na

forma de várias lendas interligadas sobre cobras gigantescas, muitas delas dotadas de poderes sobrenaturais, e por não se delimitar à Amazônia brasileira, sendo representativa também nos demais países com área florestal amazônica.

Enfocando o mito da cobra-grande, percebe-se, primeiramente, a variedade de nomes diferenciados que ele apresenta: Cobra-Grande, Boiúna, Cobra-Maria e Mboia-Açu, entre outros tantos. Cada um desses nomes se refere a uma grande cobra que habita poções dos grandes rios amazônicos e assusta os navegantes com seus barulhos de motor de vapor e olhos brilhantes como archotes. Numa contextualização um pouco mais detalhada, é possível verificar-se as diferenças entre cada uma dessas personagens mitológicas. A título de exemplo, tomemos a Cobra-Grande, a Cobra-Maria e a Boiúna:

A Cobra-Grande, segundo Galvão (1955) apud Cascudo (1972, p. 290), é o mito mais poderoso e complexo das águas amazônicas. Mágica, irresistível, multiforme, aterradora. Para Galvão:

A Cobra-Grande tem, a princípio, a forma de uma sucuriju ou uma jibóia comum. Com o tempo adquire grande volume e abandona a floresta para ir para o rio. Os sulcos que deixa em sua passagem, transformam-se em igarapé. Habita a parte mais profundas dos rios, os *poções*, aparecendo vez por outra na superfície [...].

A Cobra-Maria, um animal gigantesco com poderes mágicos é, no contexto da lenda, a neta de um pajé cuja mãe apaixonou-se por um emigrado e concebeu dois filhos gêmeos ilegítimos: José e Maria. Sabendo do caso, o pajé esperou as crianças nascerem, matou a filha e jogou os bebês no rio. José morreu, Maria foi protegida pela lara, também conhecida como Mãe d'Água, e hoje faz o que quer nas águas dos rios. Suas aparições são sempre noturnas, seus olhos são como duas tochas de fogo. Ela derruba barrancos, vira canoas, encalha navios e agoniza os valentes.

Já a Boiúna, ou cobra preta (*Mboi*, cobra; *una*, preta), tem como principal característica o pavor que impõe aos caboclos por causa da sua voracidade e à capacidade de transmutar-se para fazer o mal. Quando atravessa o rio, produz rebojos e cachoeiras. Seus olhos são verdadeiros archotes quando está fora d'água. Em homenagem a esse ente, não existe nenhum cerimonial, nenhuma liturgia no Brasil indígena e os poucos registros existentes sobre o culto a esse ser são

vestígios de um cerimonial *vodum*, religião do Daomé, trazido para o país pelo escravos africanos radicados na Bahia, com uma tênue influência das lendas do extremo norte do país. Para a Boiúna “convergiu o mito da Mãe-d’Água, despido de suas formas sugestivas de beleza, canto e amor.” (CASCUDO, 1972, p. 173). A Boiúna, enfim, não seduz nem moças e nem rapazes, ela ataca para matar.

Enfim, a representação de senhoras do rio para as cobras-grandes ou boiúnas não é exclusividade do Brasil, mas em toda a América Latina os rios são simbolizados pelas serpentes.

2. A progressão textual

A construção de um texto depende de dois grandes movimentos básicos: um de retroação e um de prospecção. Segundo Koch (2006, p.121) “Como imperativos de ordem cognitivo-discursiva que são esses movimentos de avanço e recuo – tal como acontece, por exemplo, na ação de tricotar – presidem a criação da tessitura textual”. A produção de um texto se assemelha ao ato de confeccionar uma peça de vestuário uma vez que o movimento das agulhas pode ser comparado aos movimentos de avanço e recuo das informações empregadas dentro da narrativa para o alcance de uma plena comunicação, assim como, o movimento das agulhas de tricô resulta na confecção de uma harmoniosa peça de lã. Especificamente neste artigo, será abordado o movimento de prospecção, também chamado de progressão textual, construído com o uso dos articuladores textuais, que são mecanismos utilizados para a construção da tessitura de comunicação entre autor e leitor.

Partindo da concepção de texto como lugar de interação entre sujeitos/atores sociais e de construção de sentido Vegini (2009, p.194), considera que “um texto – falado ou escrito – é verdadeiramente um arquipélago de manifestações, um mosaico de vozes, do presente e do passado, nunca uma ilha solitária”. Se o texto é um lugar de interação, também é possível conceituar a língua como “uma atividade interativa, social e mental que estrutura o nosso conhecimento e permite que o nosso conhecimento seja estruturado” (MARCUSCHI, 2008, p.65). É com esse entendimento de texto e de língua que serão analisadas as manifestações de progressão textual no texto de Mendes. Ou seja, o texto será visto como uma

estrutura em que suas partes são interdependentes e que cada uma delas é crucial no entendimento das demais. Pode-se dizer que essa interdependência é garantida, pelo menos em parte, pelos mecanismos de sequenciação e encadeamento existentes na língua. Segundo Koch (2009):

A progressão textual pode realizar-se por meio de atividades formulativas em que o locutor opta por introduzir no texto recorrências de variados tipos, entre as quais se pode destacar: reiteração de itens lexicais, paralelismos, paráfrases, recorrências de elementos fonológicos, de tempos verbais, etc. (p.81)

Ainda, de acordo com Marcuschi (2008), a ideia da organização textual através da progressão, apesar de complexa, é importante porque demonstra que os textos não progridem de maneira caótica e sim de forma ordenada, ou seja, revelam que há um relacionamento de funcionamento entre a progressão informacional e o plano textual.

2.1. Articuladores textuais

De acordo com Koch (2006) os mecanismos de articulação textual são responsáveis por: a) situar os enunciados no espaço/tempo; b) estabelecer entre eles as relações lógico-semânticas; c) exercer funções enunciativas; e (d) desempenhar funções de ordem meta-enunciativas. Esse amplo conjunto de articuladores pode ser dividido em três tipos: os de conteúdo proposicional, os enunciativos ou discursivo-argumentativos e os meta-enunciativos.

Ainda em conformidade com Koch (2006), dentre os articuladores de conteúdo proposicional há dois tipos: os espaço-temporais, que determinam o tempo e o espaço da ação textual, e os lógico-semânticos, que imprimem ao texto as relações de sentido. Nestes, como subtipos, temos os indicadores de condicionalidade, causalidade, finalidade, oposição/contraste e disjunção.

Os articuladores discursivo-argumentativos têm a função de encadear os distintos atos de fala, infundindo entre eles as relações enunciativas de contrajunção (oposição/contraste/concessão), justificativa, explicação, generalização entre outras.

Finalmente, os meta-enunciativos são aqueles que, de alguma maneira, ‘explicam’, ‘interpretam’ a enunciação. Entre esses articuladores, atestam-se oito

subtipos diferentes: os delimitadores de domínio, os organizadores textuais, os modalizadores epistêmicos, os atitudinais, os axiológicos, os de caráter deôntico, os atenuadores e os metaformativos.

3. O trabalho de pesquisa

3.1. A Metodologia adotada

A análise do conteúdo textual do relato de Mendes (2007, p. 45-82), como mencionado na Introdução deste artigo, será realizada sob a perspectiva da lingüística textual, tendo como enfoque os aspectos lingüísticos presentes na narrativa, ou mais precisamente, os mecanismos de progressão textual utilizados pelo autor e como esses mecanismos de progressão propiciam e definem a forma de construção da tessitura de comunicação entre autor e leitor presentes, sobretudo, na superfície do texto. O objetivo, como exposto anteriormente, inclui examinar como, por meio desses mecanismos, esse autor estabelece parâmetros de “verdade” no desenrolar dessa pequena história. Justifica-se esse propósito na medida em que a presença de articuladores de conteúdo proposicional, discursivo-argumentativos e meta-enunciativos definem uma estratégia de narrativa e imprimem peculiaridades ao encadeamento dos segmentos textuais.

As definições e a nomenclatura utilizadas são aquelas empregadas por Koch (2006).

3.2. A análise dos resultados

Aqui, apresentaremos separadamente a forma de utilização, por Mendes, dos articuladores de conteúdo proposicional, os discursivo-argumentativos e os meta-enunciativos, como estratégias de estabelecimento de parâmetros de verdade em sua narrativa. Os itens apresentados conterão exemplos e uma análise sucinta compatível com os objetivos do presente artigo.

a. articuladores de conteúdo proposicional

Na narrativa selecionada, foram encontradas 50 ocorrências de marcadores espaço-temporais e 22 de indicadores de relação lógico-semânticas. A abundante recorrência desses marcadores utilizados pelo autor tem como aparente justificativa a necessidade de indicar topograficamente o local dos relatos narrados. Parece ser uma preocupação presente em toda a obra em questão atrelar a pretensa veracidade dos fatos à possibilidade de localização geográfica dos eventos.

Os três exemplos citados abaixo apresentam alguns marcadores espaço-temporais utilizados por Mendes:

(1) “[...] nas águas do Guaporé, vêm <u>desde o século XIX</u> ”. (p. 45, linha 03)

(2) “Os fatos que passo a relatar <u>em seguida</u> representam os fragmentos de antigas memórias que herdei do meu querido povo”. (p. 45, linhas 14 - 16)
--

(3) “Rebojinho está localizado um <u>pouco acima</u> da embocadura do rio São Simão [...]”. (p. 46, linhas 25, 26)
--

Os excertos seguintes mostram algumas das relações lógico-semânticas presentes no texto analisado:

(4) “Sabe-se, <u>porém</u> , que o animal não devorou a embarcação; <u>mas</u> provavelmente, o barco pode ter sido triturado por completo [...]”. (p. 49, linhas 115 - 117)
--

(5) “ <u>Contudo</u> , o que se sabe, realmente, é que a embarcação foi arrastada para sempre pelo estranho (e secular, ao que parece) habitante das profundezas do não menos estranho Rebojinho”. (p. 49, linhas 123 – 126)
--

Em (4) os indicadores *porém* e *mas* têm a função de fazer oposição à idéia anterior de que o barco fora devorado pelo animal misterioso. Já em (5) indicador *contudo* conclui no texto o verdadeiro destino da embarcação citada.

Nesses casos citados, pode-se perceber que os articuladores utilizados por Mendes dão ao autor um certo caráter de incontestabilidade, haja vista que ele se põe não apenas como conhecedor histórico dos fatos, mas como conhecedor

vivencial, tendo estado nos locais e compartilhado de memórias e de experiências que, por isso, deveriam ser tomadas como reais.

b. articuladores discursivo-argumentativos

Em relação aos articuladores discursivo-argumentativos, observa-se que, algumas vezes, se confundem com os indicadores lógico-semânticos citados anteriormente, uma vez que possuem funções semelhantes na organização da tessitura textual. Vejamos um exemplo que ilustra esta observação:

(6) “[...] [ou] o barco pode ter sido triturado por completo ou, quem sabe, arrastado para alguma espécie de caverna localizada sob o barranco do rio”. (p. 49, linhas 116 - 118)

Em (6) há uma elipse do articulador *ou* no início do período, mas esse fato não prejudica em nada o sentido de alternância que o autor representou no texto. Atentemos para o fato que esse articulador também exerce a função de indicador semântico de alternativa (*ou... ou*), ratificando o desempenho de funções análogas por alguns articuladores. Vejamos outro exemplo de articulados discursivo-argumentativo no texto:

(7) “Por causa do carregamento que conduzia e pelo fato de navegar a favor da corrente e pelo fato de navegar a favor da corrente, o regatão vinha costeando cautelosamente a margem brasileira”. (p. 48, linhas 98 - 100)

Em (7), observa-se que o articulador sublinhado imprime sentido de causalidade e, assim como em (6), esse mecanismo textual também retrata essa função semântica em especial.

O uso constante de articuladores de causalidade no texto imprime a este um sentido amplo de autoridade do autor. Saber não apenas que as coisas aconteceram, mas por que aconteceram é uma forma inequívoca de arrogar autoridade para a narrativa. Em textos que pretendem ser a expressão de conteúdos

vivenciais, essa característica não apenas é presente, mas essencial à tessitura argumentativa.

c. articuladores meta-enunciativos

Os mais empregados pelo autor, no texto em análise, foram os modalizadores epistêmicos, num total de 54 ocorrências. Esse tipo de articulador marca o grau de comprometimento do locutor/autor em relação ao seu enunciado/texto e, assim, define o grau de certeza quanto aos fatos narrados, como pode ser observado nos exemplos (8), (9), (10) e (11).

(8) “ <u>Segundo</u> um relato dos antigos [...]”. (p. 45, linha 17)
(9) “Rebojinho localiza-se <u>exatamente</u> uns seis quilômetros abaixo da localidade da localidade de <i>Dois Irmãos</i> [...]”. (p. 46, linhas 34, 35)
(10) “[...] <u>qualquer</u> pessoa que conheça bem o Guaporé sabe apontar em <u>qualquer</u> mapa daquele rio a curva <u>exata</u> onde está localizado <i>Rebojinho</i> .” (p. 46, linhas 40-42)
(11) “Rebojinho é <u>hoje</u> , se não o mais perigoso, <u>certamente</u> um dos trechos aterradores de todo o Vale do Guaporé, sobretudo <u>em razão</u> da profundidade abissal que se verifica na margem boliviana do rio”. (p. 48, linhas 86 - 89)

Em (8), observa-se o articulador *segundo* atesta que a narrativa não é conhecida apenas pelo autor, mas por outras pessoas, nesse caso ‘os *antigos*’. Essa alegação imprime um sentimento de autoridade à narrativa, pois vem balizada pelo conhecimento, culturalmente respeitável, dos “antigos”. Essa estratégia de narração, que funciona como um meio de compartilhamento de responsabilidade pela narração, é uma forma evidente de parametrização da veracidade do conteúdo relatado.

Em (9), por sua vez, há uma entremeio de sentidos criado pela conjunção de um indicador espaço-temporal e um modalizador epistêmico (*exatamente*), ao mesmo tempo em que esse indicador aponta o local exato do remanso de Rebojinho. Assim, esse mesmo indicador, aqui utilizado como modalizador

epistêmico, indica que o autor conhece com exatidão a localização do lugar citado. Mais uma vez, estamos diante de uma arrogância de autoridade, advinda, agora, do conhecimento existencial do autor em relação aos locais que foram palco do desenrolar das narrativas apresentadas. Isso, como dissemos no item anterior, não apenas reflete a preocupação permanente de localização geográfica das histórias pelo autor, mas atua como forma de “certificado” de um tipo incontestável de conhecimento: o factual.

Em (10), o autor se utiliza do modalizador *exata* para assinalar com certeza que o remanso de Rebojinho fica em uma curva do rio e não em outro ponto; o autor também utiliza-se do modalizador *qualquer* para reafirmar que todos os que conhecem bem o rio sabem identificar aquele remanso em qualquer mapa. Imprime, assim, a certeza de que qualquer caboclo guaporeano consegue localizar os perigos do rio e recorre, assim, à mesma estratégia de compartilhamento de responsabilidade anteriormente descrita.

Em (11), o emprego dos modalizadores *hoje*, *certamente* e *em razão* transmite ao leitor a certeza do conhecimento que o autor afirma deter acerca de todas as características desse local importante nas lendas locais, o Rebojinho. Mais uma vez, estamos diante de uma estratégia narrativa que alude à autoridade do narrador em relação aos fatos narrados.

Observemos, agora, os dois excertos abaixo:

(12) “[...] <u>há muitos anos</u> , havia uma ilha de considerável porte <u>naquele local</u> ”. (p. 47, linhas 72, 73)

(13) “ <u>Hoje</u> , <u>mais de cem anos depois</u> , ainda nada se sabe a respeito do destino da galeota do regatão [...]”. (p. 49, linhas 129, 130)

A leitura analítica do relato mostra que alguns articuladores meta-enunciativos empregados por Mendes têm suas funções textuais amalgamadas aos articuladores de conteúdo proposicional. É o caso dos delimitadores de domínio e dos organizadores textuais. Esses dois tipos têm seus sentidos fundidos aos marcadores espaço-temporais, pois os delimitadores de domínio situam o espaço

físico da narrativa e os organizadores textuais coordenam a disposição do tempo na narrativa como pode ser comprovado nos exemplos (12) e (13).

Veja-se que os organizadores *há muitos anos*, *hoje* e *mais de cem anos depois*, indicam o tempo factual, mas, também, marcam o tempo da narrativa que, no caso do excerto, assinala o limiar entre passado e presente. Já o delimitador *naquele* imprime com exatidão o espaço delimitado em que ocorre a narrativa: “naquele local”. Outra ocorrência de cumulatividade pode ser vista em:

(14) “[...] ele afirmou, <u>posteriormente</u> , tratar-se de uma grande cobra [...]”. (p. 48, linhas 102, 103)

em que, o tempo é assinalado dentro da narrativa. É a personagem, neste caso, quem marca o tempo do relato, ou seja, este ocorre *posteriormente* ao acontecido e não antes que a personagem tenha vivenciado seu encontro com uma cobra grande.

3.2.1. O uso de articuladores no conjunto do texto

Mendes utilizou-se de uma gama de articuladores de progressão, não só para imprimir no texto a “certeza” de sua verdade guaporeana, mas também para situar essa verdade num espaço-tempo em que os fatos relatados são dados como passíveis de comprovação. É crucial para o autor convencer seus leitores da veracidade de seus relatos ocorridos “nesses rincões do sertão amazônico”. É fácil, por exemplo, duvidar da existência de cobras gigantes que, por onde passam, formam novos igarapés, se quem pretensamente a viu já morreu e, se quem está vivo, não ousa encontrá-la. Mas, uma narrativa existencial, entremeada de elementos certificadores como a exata localização espácio-temporal e a autoridade dos “antigos”, atrelada ao fato de que o próprio narrador atesta ter visto o ser mitológico, certamente parece se construir como um texto merecedor de maior credibilidade. A marcação do tempo e do espaço e a certeza da autoridade testemunhal são propostas como “garantias” da verdade no relato analisado.

Quanto aos articuladores de progressão textual atestou-se que são mecanismos multifuncionais no texto e exercem funções das mais variadas ordens e, até, podem desempenhar mais de uma função ao mesmo tempo. Como já observado, os articuladores metaformativos, por exemplo, também exercem a função de marcadores espaço-temporais; os articuladores discursivo-argumentativos desempenham também a função dos indicadores de relações lógico-semânticas; e os delimitadores de domínio junto com os organizadores textuais se confundem com os marcadores espaço-temporais.

Esses mesmos articuladores de progressão são responsáveis, em grande parte, por parte da coesão textual e também pelas indicações destinadas a orientar a construção do sentido do texto.

De um ponto de vista macrotextual, portanto, pode-se ver que Mendes recorre, constantemente, aos articuladores de progressão para criar uma sensação de verdade em seu texto. Parece claro que esse recurso, por si só, não é suficiente para dar ao texto um caráter inequívoco de verdade histórica, principalmente a um leitor mais crítico. Mas, provavelmente, não seja este o objetivo de um *contador de histórias* como Mendes: a ele basta que sua história pareça verdade, que tenha verossimilhança suficiente para “encantar” o leitor no mesmo sentido que a Boiúna encanta suas presas, pois isso já se configura como uma forma de dar continuidade à lenda, de alimentar o mito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa análise concisa do texto, podemos concluir que é principalmente através do uso dos articuladores textuais que Mendes, como um historiador descompromissado, constrói seus relatos, confrontando a verdade histórica, factual, com a verdade guaporeana. Contrapondo História e cultura, e mostrando que a verdade é como um espelho que reflete várias faces de acordo com a posição em que se olha, o autor permite ao leitor adentrar um pouco na mentalidade do ribeirinho do Guaporé.

É notório, ao longo do texto, o fato de que o autor, mesmo deixando o vale do Guaporé muito cedo, não abandonou sua formação cultural da infância, como ele mesmo afirma em seu livro:

“No entanto, mesmo havendo deixado o Vale do Guaporé ainda muito jovem e tendo vivido muitos anos longe da região, eu continuei de alguma forma ligado às minhas antigas raízes, embora não tanto quanto gostaria que fosse” (MENDES, 2007, p.45).

Percebendo a importância que tem a Cobra-Grande na vida do caboclo amazônico, não é de estranhar o profundo respeito que Mendes, como um dessa gente, tributa a esse ente fantástico que - muitos ainda o creem - vive nos poções ou remansos dos grandes rios amazônicos.

Os rios amazônicos, com suas águas profundas e cheias de rebojos, estão tão entrelaçados na vida do caboclo que com ela mesma se confunde. O rio que alimenta, que transporta, que dá a vida e que mata. O rio que acaba se confundindo com a própria Cobra Grande, que é mãe, que forma o rio e que mata quem nele não souber navegar ou ousar, de alguma forma, desrespeitá-lo.

NOTAS

1. Acadêmica do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S. A., 1972.
- FERREIRA NETTO, W. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Editora Paulistana, 2008. 104 p.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 190 p.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006. 168 p.

MARCUSCHI, L. A. Processos de produção textual. In: _____ **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 50-143.

MENDES, M. **Lendas do Guaporé**. São Paulo: Scortecci, 2007. 173 p.

VEGINI, V.; VEGINI, R. L. Colóquios materno-infantis: especulações à luz das operações e dos processos sociocognitivos. In: BURGEILE, O. et al. **Línguas, linguagens e culturas amazônicas**. Porto Velho: EDUFRO, 2009. 238 p.